

Área Escola - desafio de mudança do paradigma escolar?

Leonor Barão

A Área Escola pode ser um espaço de autonomia, um balão de ensaio para a regionalização do currículo. Neste artigo são discutidos a importância e o papel da Área Escola e é apresentado um exemplo de um Programa de Área Escola, incluindo a respectiva metodologia de construção.

1. Os novos planos curriculares

"Com os novos planos curriculares pretende-se atingir "três grandes objectivos gerais:

- Criar as condições para o desenvolvimento global e harmonioso da personalidade, mediante a descoberta progressiva de interesses, aptidões e capacidades que proporcionem uma formação pessoal, na sua dupla dimensão individual e social.

- Proporcionar a aquisição e domínio de saberes, instrumentos, capacidades, atitudes e valores indispensáveis a uma escolha esclarecida das vias escolares ou profissionais subsequentes.

- Desenvolver valores, atitudes e práticas que contribuam para a formação de cidadãos conscientes e participativos numa sociedade democrática." (1)

Espera-se que os conteúdos de ensino contribuam para um desenvolvimento integrado dos alunos, que a promoção de **atitudes e valores** assuma o principal papel e que o domínio de **aptidões e capacidades** condicione a **aquisição de conhecimentos**. Para o conseguir defendem-se metodologias que comprometem o aluno na sua aprendizagem e responsabiliza-se o professor mais pelo acto de fazer aprender do que pelo ensino/informação. Diversificam-se os agentes educativos e a avaliação adquire um carácter mais regulador e formativo do que selectivo.

É tempo para uma perspectiva construtivista de aprendizagem se impor, já que, nos anos 70, não conseguiu vingar quando fortemente confrontada, com modelos neobehavioristas.

A estrutura de currículo que nos é apresentada assenta num conjunto de disciplinas, organizadas ou não por áreas

conforme os ciclos, e em **novas áreas** facilitadores da integração de saberes, atitudes e capacidades: uma **área de formação transdisciplinar** (que compreende a "formação pessoal e social", a "valorização humana do trabalho" e o "domínio da Língua materna) e a **ÁREA ESCOLA**.

Sendo estas áreas assumidas como inovadoras é de prever que provoquem a médio prazo, **mudança** - na organização do Sistema, nas Escolas, nos professores, nos alunos ... Para já devem desequilibrar - o Sistema, as Escolas, os professores os alunos ...

O Sistema ... ainda não estremeceu, as Escolas são levemente abaladas mas sem risco, os alunos aguardam e deixam-se arrastar ... pelos professores. Os professores tentam gerir a insegurança sem comprometer a inovação.

2. Desequilíbrio e insegurança, porquê?

A **ÁREA ESCOLA**, sendo uma área curricular, não é uma disciplina e não se integra na organização tradicional das Escolas: uma disciplina, um professor, uma sala, um horário semanal fixo. É uma área de **natureza interdisciplinar, de frequência obrigatória para os alunos, que se desenvolve no quadro de um projecto-turma** com objectivos integradores dos conteúdos de ensino, **sem tempo próprio**, vivendo do horário lectivo das diferentes disciplinas implicadas no projecto e da intervenção de um conjunto de professores. É um novo paradigma, que se confronta com a herança positivista da nossa organização compartimentada de saberes e de docências. Este conflito deveria ter sido sentido pelas diversas equipas que ela-

boraram programas, levando-as a ensaiar articulações horizontais que permitissem o desenvolvimento interdisciplinar do currículo.

A organização escolar não mudou. O espaço das Escolas continua a ser prioritariamente uma sequência de salas de aula e não há a coragem, por parte da Administração, de enfrentar a necessidade de criar nas Escolas espaços alternativos para trabalho de consulta, pesquisa e produção de documentos em diversos suportes: **Centros de Recursos**. Criar esses espaços não é dar liberdade aos professores para o fazerem no seu horário não lectivo, não é encontrar financiamentos iniciais para a respectiva instalação. É criar um suporte financeiro seguro para os manter, é dotá-los de pessoal técnico especializado, é investir no futuro. “A Escola permanece organizada para promover o insucesso educativo, tanto na componente académica como na componente socializadora (Formosinho, 1988)” (2)

Por outro lado, o esquema de horários que permite responder ao nº alunos/nº de turmas por escola leva a que os Conselhos de Grupo, estruturas didácticas que consolidam a organização disciplinar, continuem com melhores condições de reunião do que os Conselhos de Turma - estrutura pedagógica multidisciplinar.

Os alunos e os pais têm expectativas relativamente à Escola, que se fundamentam na valorização dos saberes científicos compartimentados. A maioria dos professores também. O Sistema introduz provas de selecção que valorizam esses saberes e não indagam sobre o nível de desenvolvimento de capacidades globalizantes.

Aguarda-se que outras medidas da Reforma do Sistema Educativo resolvessem alguns dos conflitos actuais. Mas ...

3. Até lá, o que vão os professores fazer para “salvar a inovação”?

Os professores sentem a urgência em fazer do saber uma “coisa” apetecida pelos alunos, do trabalho escolar uma tarefa valorizada e procurada com interesse, do tempo escolar um tempo que

contribua para o desenvolvimento global de futuros cidadãos socialmente integrados, críticos e capazes de provocar rupturas construtivas. Esta preocupação na formação integral do aluno deve permitir valorizar situações de aprendizagem mais globalizantes, que obrigam à “resolução de problemas”, à concretização e interligação de saberes, ao domínio de métodos de pesquisa e ao desenvolvimento de capacidades, ao estabelecer de relações com o meio e com a “escola paralela”, ao estimular de hábitos para uma cidadania responsável. **Estes são objectivos da Área Escola.**

Para os concretizar os professores e os alunos de uma turma devem estruturar um projecto: conjunto de actividades que mobiliza a participação de todos os alunos, durante um tempo determinado, com um produto final, permitindo desenvolver objectivos comuns a várias disciplinas (conhecimentos, atitudes ou valores, capacidades). Para a realização do trabalho, os alunos devem conjugar vários meios de pesquisa, de comunicação e de expressão.

Os projectos devem corresponder a interesses dominantes dos alunos, permitir satisfazer necessidades de diferentes programas e, no 3º ciclo, integrar um programa de Educação Cívica para a participação nas instituições democráticas e sociais.

O conjunto dos projectos de cada Escola constitui o **Programa de Área Escola**. O papel deste programa no contexto do Projecto Educativo da Escola deve merecer reflexão: para que se assegure articulação com as finalidades e objectivos que orientam toda a acção pedagógica da Escola, para que se garanta interligação com outros programas ou projectos de acção.

São as características das escolas (físicas e humanas) que determinam o tipo de Programa a desenvolver e a forma de o realizar. A **ÁREA ESCOLA** pode ser um espaço de autonomia, um balão de ensaio para a regionalização do currículo.

Há experiência de Programas de Área Escola cujos projectos-turma sustentam as Actividades de Animação da Escola e suportam grande parte dos Projectos Anuais. São Programas que nascem em

geral de um tema ou temas apresentados pelo Conselho Pedagógico. As turmas escolhem subtemas e apresentam o resultado do trabalho em simultâneo, de forma a dar coerência ao tratamento do tema ou temas seleccionados. Mas há outras experiências em que os projectos nascem do encontro de interesses entre alunos e professores de uma mesma turma, onde o único constrangimento é a necessidade de desenvolver com o projecto diferentes conteúdos de ensino.

O desenvolvimento desses projectos obedece aos ritmos de cada turma, integra-se o mais possível nas actividades da sala de aula, começa e termina de forma independente e não se submete a qualquer organização global. A metodologia usada para fazer surgir um Programa deste tipo consta do anexo 1.

Em qualquer situação os projectos a desenvolver pelas turmas devem oferecer contexto significativo ao tratamento de assuntos específicos dos vários programas, conduzir a uma organização do ensino que privilegie os trabalhos de grupo, a trocas formais e informais de saberes, a consulta de documentos (dentro ou fora da sala de aula); ao recurso a fontes diversificadas de informação, à necessidade de comunicar, de ouvir e discutir opiniões. A avaliação dos alunos é feita no contexto de cada disciplina, cabendo ao Conselho de Turma realizar uma avaliação global relativamente aos objectivos comuns. No anexo 2 apresenta-se um exemplo de um projecto.

Parece não ser uma estratégia com futuro fazer da **ÁREA ESCOLA** um Programa que obrigue os professores a um trabalho não lectivo excepcional - que pode dar gosto fazer uma vez, que cria dependências organizativas sustentadas por um pequeno número de animadores. Os professores, como os alunos, precisam de se sentir autónomos e livres para tomar iniciativas, criativos para procurar os recursos necessários aos seus projectos, realistas para desenvolver um trabalho gratificante que deixe estímulo para novos projectos.

Não matar a inovação cabe aos professores que “aprenderam a aprender” e a **mudar**. Talvez não se possa pedir tanto a quem fala de inovação sem nunca ter

sido professor, a quem escreve sobre o que se pode fazer nas Escolas sem nunca o ter feito e aguarda que da nossa experiência surjam pistas para ajustar a teorização destas áreas inovadoras. Também não se pode esperar apoio dos cépticos, dos que estão tão seguros das suas convicções e dos seus saberes que rejeitam qualquer proposta de alteração e a depreciam com maior ou menor fundamentação. Há um longo caminho de aproximação a percorrer, entre responsáveis pela política educativa, investigadores e professores. Fiquemos com a sabedoria de Erasmo (1469-1563):

“Sempre é preciso aprender tanto tempo como aquele que vivemos.... mas

... quem não sabe que antes de aprender é preciso desaprender e que esta tarefa é das duas a mais difícil?”

A **ÁREA ESCOLA** é uma provocação e um estímulo para aprender e desaprender. É sobretudo um desafio, um **PROBLEMA** real ...

Leonor Barão

Esc. Prep. Marquesa de Alorna

(1) Organização Curricular e Programas, Vol. 1

(2) citado por Ramiro Marques em “Educação Cívica e Desenvolvimento

ANEXO 1

Junho/Julho	Setembro	Set/Out.	Out/Nov.	Dezembro
Cons. Pedag. • Esboço do PE • Objectivos da AE	Cons. Pedag. • Discussão da estratégia a seguir para organização do Programa de ÁREA ESCOLA • organização de SECÇÕES	Cons. Turma • acordar formas de trabalho entre os professores • decidir sobre forma e metodologia de abordagem da AE com os alunos • reflectir sobre a avaliação do trabalho feito em ano anterior	Secção do CP • preparação de materiais de apoio aos CT	Cons. Pedag. • aprovação do Projecto Educativo e dos seus projectos de suporte/ planos anuais; aprovação do programa de AE
	Assembleia Geral/Escola • discussão de aspectos de concepção e organização		Cons. Turma • organização de projectos de ÁREA ESCOLA	Cons. Turma • balanço da forma como os projectos estão a decorrer/ coordenação do trabalho
	Grupos Disciplinares • identificação de áreas de trabalho interdisciplinares • levantamento de temas com potencialidades interdisciplinares		Secção CP • a partir dos projectos de cada turma, organizar um Programa de AE • organizar (ou aprovar) instrumentos de avaliação ou acompanhamento dos projectos	Cons. Dir. • resumo do que ficou escrito em actas de CT sobre AE — para entrega à Secção, em Janeiro

Projecto: "A ROTA DO PAPEL"
SITUAÇÃO QUE DEU ORIGEM A ESTE PROJECTO:

Num dia de Novembro, alunos da Turma ajudam a transportar resmas de papel para a reprografia.

- É papel vindo de onde?
 - de um armazém...
 - de uma fábrica...
- Como se fabrica?
- Como se transporta?
- É preciso tanto papel? Para quê?

É PAPEL...

- investigação
- registos
- História

"A ROTA DO PAPEL"

ACTIVIDADES:

1. Visita de estudo à Fábrica de Tomar (Port., EVT)
2. Uma viagem de 1000 anos — da China à Europa (Hist./Geog., EVT e outras — a definir)
 - 2.1. mapas (rota) — Estudo da cor (iniciação) — EVT
 - 2.2. investigação no CRE — intervenção dos professores de H/G e EVT
 - 2.3. exploração do tema nas aulas (através do material recolhido; os professores de cada disciplina verificam as possibilidades de exploração, através do material recolhido)
 - 2.4. investigação relacionada com a produção de papel e a construção de objectos em papel; cultura de uma planta, "Papiro" — EVT/CN
 - 2.5. fabrico artesanal de papel (EVT)
 - 2.6. processo industrial de fabricação do papel/ matéria prima: madeira (H/G, CN, EVT)
 - 2.7. normalização do papel (Mat., EVT)
 - 2.8. organização de mostruários de papel e ferramentas de trabalho com papel/ cartão (EVT)
 - 2.9. técnicas de trabalhar o papel (EVT)
3. Construção de embalagens (Mat., EVT)
 - 3.1. recolha de embalagens
 - 3.2. planificação e montagem de modelos de sólidos geométricos
4. Festejos Populares e de fim de ano (E. Mus., EVT, E. Fís., CN)
 - 4.1. construção de "festões"
 - 4.2. construção de "papagaios de papel"
 - 4.3. estudo dos ventos
 - 4.4. lançamento de "papagaios"
5. Organização de uma monografia destinada ao CRE (Port., EVT)
6. Recuperação de livros do CRE / importância dessa actividade (EVT)
7. Organização de uma exposição